



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**FRANCISCA MARIA DE ABREU
MARIA DO SOCORRO SOUSA MENDES DANTAS**

L E I T U R A:
UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

CAJAZEIRAS - PB

2007

**FRANCISCA MARIA DE ABREU
MARIA DO SOCORRO SOUSA MENDES DANTAS**

**L E I T U R A :
UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2007



A1621 Abreu, Francisca Maria de.
"Leitura: um processo de construção do sujeito" /
Francisca Maria de Abreu; Maria do Socorro Sousa Mendes
Dantas. - Cajazeiras, 2007.
38f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.

Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Leitura-conceitos. 3. Leitura-definições.
4. Materiais de leitura- metodologia. I. Dantas, Maria do
Socorro Sousa Mendes. II. Lima, Maria Janete. III.
Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de
Formação de Professores. V. Título

DEDICATÓRIA

“Algumas pessoas marcam a nossa vida para sempre,
umas porque nos vão ajudando na construção,
outras porque nos apresentam projetos de sonho
e outras ainda porque nos desafiam a construí-los”.

Aos nossos familiares e amigos

AGRADECIMENTOS

Às nossas famílias que nos apoiaram
em todos os momentos e aos mestres
por todo conhecimento compartilhado
ao longo dessa jornada

Nosso muito obrigado!

SUMÁRIO

Resumo	
Introdução	1
1.Capítulo I – Um pouco da história da leitura	4
1.1.Definições e conceitos sobre leitura	10
1.2.As definições de produção da leitura	14
1.3.Metodologia e materiais de leitura	17
2.Capítulo II – Análise dos dados coletados	27
2.1.Metodologia da pesquisa	27
2.2.Análise dos dados dos questionários dos professores	28
2.3.Análise dos questionários dos alunos	34
2.4.Análise da regência	34
3.Conclusões	36
4.Referências Bibliográficas	37
5.Anexos	38

RESUMO

Este trabalho monográfico tem o intuito de apresentar uma revisão bibliográfica, que se possa desenvolver competências essenciais para a aquisição da leitura. É um estudo fundamentado e baseado em especialistas que tem como propósito contribuir para a melhoria, atualização e necessidades que se apresentam de forma vital para o processo de construção da leitura. O aluno é nesse estudo o próprio construtor do processo de aquisição da leitura. A importância do hábito da leitura está bem destacada neste estudo, mostrando que o aluno pode sensibilizar-se pelo ato de ler, de compreender, de interpretar, sendo capaz de criticar, de ser um cidadão pleno, através daquilo que a leitura possibilita, ou seja, o entendimento do mundo que pode ser vislumbrado através da leitura.

Palavras-chaves: leitura, decodificação, compreensão.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por tema “Leitura: um processo de construção do sujeito” e foi realizado na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome, na cidade de São João do Rio do Peixe – PB; com oito professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, que se dispuseram a responder o questionário, aplicado no período de agosto a setembro de dois mil e seis.

Em diversas circunstâncias da vida é notável a importância do ato de ler. A escola, como é sabido, exerce uma função primordial no desenvolvimento dessa atividade, porém, tem-se observado que essa função vem sofrendo diversas limitações em consequência de problemas culturais, sociais, educacionais e familiares.

Na busca de uma solução para esses problemas, muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos a fim de acabar com essas limitações. Mas, pela abrangência do tema e pela complexidade do problema, esse assunto está longe de ser esgotado, merecendo, dessa forma, novas abordagens.

Em razão do conhecimento das dificuldades encontradas pelos alunos do Ensino Fundamental no que diz respeito à questão da leitura e produção textual, a metodologia utilizada no ensino da leitura, torna-se o principal alvo para solucionar os problemas relacionados ao baixo aproveitamento escolar e ao fracasso geral dos alunos nesse nível de ensino. Cabe aos professores construir caminhos, motivando os alunos a adquirirem o hábito de ler e compreender desde cedo a importância da leitura. Para isso, será preciso utilizar-se de uma metodologia que priorize o papel do professor/leitor, que consegue passar o prazer da leitura aos seus alunos.

Nessa perspectiva, objetiva-se verificar até que ponto a falta do hábito de leitura e de escrita contribui para o fracasso escolar dos alunos do Ensino fundamental, pois assim torna-se viável entender como o professor deve agir para garantir a participação plena de seus alunos na vida em sociedade, tendo como aliada a escola. Além do mais, um estudo

com esse perfil facilita a identificação de novas propostas didáticas que auxiliem a formação de um número maior de leitores e escritores de qualidade.

A busca por uma proposta renovadora e inovadora, intensifica-se pela necessidade de aprimorar a relação de interação entre professor/aluno e de encontrar condições favoráveis para a prática de leitura e produção de texto nas salas de aula de nossas escolas.

Esta pesquisa se constitui num estudo de caso, realizado com oito professores de 1ª a 4ª séries, que totalizam em torno de 124 alunos. Os dados foram obtidos através de entrevistas, observação e regência.

Para desenvolver um estudo voltado para os problemas da leitura no ensino fundamental é preciso observar se há realmente nas escolas a participação contínua do professor, que deverá atuar como mediador e ser, antes de tudo, um leitor. A tarefa do professor, no entanto, torna-se difícil quando ele não exercita e nem tem afinidade com essa atividade, pois não assim não tem autonomia para desenvolver uma prática de leitura eficiente, por isso a pesquisa realizada com professores do Ensino Fundamental deve ressaltar essa questão. O ato de trabalhar bem com a leitura está ligado ao próprio ato de ler. Um leitor entende a expectativa de outro leitor, então, o professor precisa ser um bom leitor, precisa gostar de leitura para passar uma imagem positiva dessa atividade. Ter o hábito de ler, é possuir a base para despertar no aluno o mesmo hábito.

O primeiro capítulo incorre numa revisão bibliográfica, pois a revisão bibliográfica das obras mais importantes sobre leitura é essencial na construção do nosso estudo. Essa revisão bibliográfica será complementada por um estudo de caso sobre a realidade na escola.

No segundo capítulo consta a análise dos dados da pesquisa realizada. A análise de dados tem como finalidade descobrir o que é realmente relevante para uma tomada de decisão e serve também para mostrar para qual problema, para qual realidade, deve-se direcionar os esforços.

O objetivo desse trabalho é contribuir com algumas sugestões que venham amenizar as dificuldades encontradas pelos docentes para desenvolver atividades com relação à leitura e a produção textual, sendo o aluno o sujeito responsável pelo sucesso dessas atividades.

CAPÍTULO I

1. Um pouco da história da leitura

A importância dada aos elementos históricos da leitura advém da necessidade de compreensão das raízes de sua dimensão social, dos valores cultivados ao longo das gerações e principalmente de tudo aquilo que ela representou para as sociedades passadas.

Não se podia imaginar uma prática de leitura contínua e bem explorada quando a produção dos livros era algo totalmente artesanal, somente poucas pessoas tinham acesso à leitura. Antes, os livros eram exclusivos da nobreza e do clero. E a partir do século XIV passaram a ser utilizados também pela burguesia.

É interessante observar que para essa última classe, que emergia no quadro social, o livro era um artefato de luxo, pois representava uma boa posição social, visto que a nobreza era quem tinha o costume de lê livros. A burguesia buscava copiar os costumes dos nobres para se destacar perante a sociedade. Nessa época:

Ser visto como dono de livros e leitos ornamentados era sinal de posição social. O quarto passou a ser não apenas a dependência onde os burgueses dormiam e fazia amor, mas também o reservatório de bens colecionados. (BREVES FILHO, 2004. p. 23).

Na segunda metade do século XV, assistiu-se a um enorme avanço tecnológico que trouxe consigo uma modificação na produção de livros, que não mais exigia um processo longo e trabalhoso, mas veio aumentar a oferta de livros. Enquanto um escriba perdia horas e horas na produção de um livro, que seria um objeto único e exclusivo, as máquinas produziam milhares de exemplares de mesmo conteúdo em poucas horas.

A invenção da imprensa e a proliferação das instituições escolares fizeram com que a prática de leitura fosse propagada de uma forma muito mais intensa, apesar de continuar elemento da elite.

No século XVIII já era possível contar com uma leitura mais acessível através da produção de jornais e folhetos, observe:

... com o aperfeiçoamento da imprensa mecânica e o barateamento do preço do papel, iniciou – se a produção mais rápida de livros e de materiais impressos como, por exemplo, o jornal, o folhetim, etc. (BREVES FILHO, 2004, p.24).

Após a Revolução Industrial, e como consequência da enorme difusão da leitura, o livro deixa de ser um produto raro e desejado como forma de destaque social. O número de leitores aumentou muito e o livro passou a ser um objeto de fácil circulação, assim como outros produtos de ordem cultural.

Alguns utilizam a expressão “vulgarização” do livro com o advento da Revolução Industrial, porém não é aconselhável compartilhar com essa idéia, pois tal expressão está permeada de sentidos pejorativos. O fato de o livro ter utilização por parte de um público de diversas camadas sociais, não significa que tornou – se algo vulgar, mas sim popular. Alguns temas de livros podem ganhar a expressão “vulgar”, mas sem que isso atinja o “livro” em si.

A escola também possibilitou um contato maior com livro, à medida que ela passou a configurar no quadro social como um projeto coletivo:

...os produtos destinados à leitura visavam à burguesia não só por esta constituir – se numa classe letrada, mas também por esta ter assumido a escolarização como uma necessidade a ser encampado pelo Estado e expandida a todas as camadas da população. (BREVES FILHO, 2004, p. 30 e 31)

Dessa forma, entende-se que a leitura ganhou uma maior difusão com as modificações que ocorreram no âmbito tecnológico (Revolução Industrial) e no âmbito institucional (difusão da escola).

Além da análise da história da leitura numa perspectiva abrangente é preciso também revê-la em seus detalhes, destacando os seus principais elementos. Isso permitirá verificar a forma como se processa hoje em dia.

Sendo assim, será necessário o estudo da história da leitura nos dias de hoje desde os primeiros passos até o desenvolvimento final.

A leitura é introduzida na escola juntamente com a aquisição da escrita, dando a esta última maior ênfase, por achar que é mais importante para o aluno decifrar os códigos do que obter uma relação mais íntima com a leitura.

Em relação à avaliação é interessante observar que a escrita se sobressai, pois é mais fácil avaliar a escrita que a leitura e por isso essa atividade acaba sendo o maior alvo nas avaliações. O professor geralmente identifica com mais facilidade o que há de errado na escrita do que na leitura.

O objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Portanto, a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita. (CAGLIARI, 1995. p. 169).

Essa realidade não é percebida na sala de aula, e quando os professores se deparam com a dificuldade dos alunos acham que decorre da falta de capacidade dos alunos.

Mas, esse fato não pode continuar fazendo parte da história da leitura. A escola que não reconhece o verdadeiro valor da leitura, esta privando os seus alunos de um direito; direito de desenvolver-se, pois a pessoa que não sabe ler nos dias de hoje está sujeita a uma série de situações desagradáveis ao longo da vida.

A dona de uma loja de roupas precisa saber ler para poder identificar as marcas que compõem o seu estoque. O motorista precisa saber "ler" a placa de trânsito. Qualquer pessoa precisa saber ler para não acabar se prejudicando ao assinar documentos sem ter noção de seus conteúdos, entre outras situações simples do dia-a-dia que exigem leitura: *No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem, praticamente sem escrever, mas não sem ler. (CAGLIARI, 1995. p.168).*

Mesmo considerando importante tal questionamento sobre o problema real no cotidiano e na vida fora da escola, é na escola que se deseja a iniciação de uma conscientização e conseqüentemente de uma modificação.

A escola é o âmbito privilegiado para a aprendizagem, ela pode auxiliar na construção de uma história da leitura diferente, que produza bons frutos. A leitura é uma prática imprescindível à existência da escola. Após a alfabetização, continua-se levando a leitura como instrumento essencial para aquisição de conhecimentos diversos.

Na escola, a leitura serve não só para se aprender a ler, como para aprender outras coisas, lendo. Serve ainda para se ensinar e treinar a pronuncia dos alunos no dialeto-padrão entre outros. (CAGLIARI, 1995. p. 172)

Por não se tratar de um problema dessa ou daquela escola e sim um mal generalizado, como se pôde vislumbrar com a análise da história da leitura, é preferível acreditar que há um problema social e cultural, desses facilmente encontrados em nossa sociedade de classes, evitando-se assim de apontar culpados e inocentes.

Desde o início da década de 80, o ensino de Linguagem Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no país. No Ensino Fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita.

As investigações interdisciplinares vêm evidenciando mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e de suas circunstâncias de vida. Em fim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler, lendo, ou seja, vivendo.

Aplicada na base da educação, a leitura pôde assumir de imediato o componente democratizante daquela; ao mesmo tempo, confundir-se com alfabetização, pois ler veio a significar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabetos e a constatação do domínio exercido sobre ele. O alfabetizador passou a ser um profissional especializado, tendo a tarefa de tornar os signos da escrita de fácil compreensão para a criança.

Do ponto de vista do Estado, determina-se as medidas tomadas pela administração governamental nos níveis federais, estaduais e municipais, via de regra empenhada em patrocinar a alfabetização de jovens e adultos ainda analfabetos que pertencem às camadas pobres da população urbana e rural, e também em compensar as carências das escolas freqüentadas pela população de baixa renda com a distribuição de livros para os alunos e para as bibliotecas. Neste caso, a leitura assume perfil político, exprimindo as possibilidades do Estado se comprometer com as necessidades sociais, a que responde agindo na direção de transformação coletiva ou dando vazão a uma atitude paternalista e compensatória.

Na realidade seria um contra-senso insistir na importância do hábito de ler restringindo-o aos livros, pelo que se sabe (ou se deveria saber) para modificar essa idéia, é necessário realizar novas reformulações expressivas no sistema político e econômico e sócio-cultural de modo a permitir melhoria efetiva de condições de vida da imensa maioria desfavorecida.

Tem-se então, mais um motivo para ampliar a noção de leitura. Vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. Incorpora-se, assim, ao cotidiano de muitos o que geralmente fica limitado a uma parcela mínima da sociedade. Mas ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular. Isso por que a sociedade encontra-se presa a um conceito de cultura muito ligado à produção escrita, geralmente proveniente do trabalho de letrados.

A realidade, entretanto, apresenta inúmeras manifestações culturais originárias das camadas mais desfavorecidas do povo, cuja força significativa tem feito perdurar por séculos. Daí a necessidade de se compreender tanto a questão da leitura quanto a da cultura para além dos limites que as instituições impuseram.

Seria preciso então considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importa por meio de que linguagem. Assim o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como conhecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

A leitura vai, portanto, além do texto e começa antes do contexto com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. O contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação do texto e do leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não fica mais restrita.

O campo da leitura vem recebendo nas últimas décadas contribuições expressivas tanto no que se refere a produção teórica quanto no que diz respeito ao planejamento de alternativas práticas. Desde a crítica à educação bancária feita por Paulo Freire ao anúncio de novas práticas nos anos de 1950 e 1960.

Os avanços no campo teórico, a revolução conceitual e a mudança no nosso conhecimento sobre as formas e os processos de ler e escrever são avassaladores. Desde Paulo Freire e seu entendimento da alfabetização como ação cultural, passando pelos estudos da sociolinguística, da sociologia da linguagem e da psicolinguística, chegando a história da leitura e a antropologia, temos enfrentado questões sobre o denominado “letramento” que nos situam em outro patamar de reflexão, de discussão crítica e de preposição de políticas e práticas.

O problema que foi verificado após a inserção da expressão *letramento*, refletia justamente o conflito com a expressão *alfabetização*. As pessoas não entendiam se deviam utilizar o termo *letramento* ou *alfabetização*, e isso acabou provocando uma crise de conceitos. Mas, Emília Ferreiro procurou explicar que: *Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê.* (Revista Nova Escola, maio.2003). Dessa forma, a idéia seria aumentar o número de pessoas letradas e não só alfabetizadas.

Para isso, seria imprescindível mudar aquela prática de leituras sem contexto, em que as histórias não tinham um propósito muito claro: apontar padrões sociais para as crianças. O objetivo das moças ingênuas era encontrar um príncipe. Essas histórias tinham forte caráter moral na sociedade rural do século XVII, o que ao longo dos anos foi perdendo o sentido. E os livros foram ganhando um teor mais instrutivo e não apenas de entretenimento.

1.1. Definições e conceitos sobre leitura

A tarefa de definir a “leitura” não é uma das mais fáceis, basta analisar as diversas tentativas e formas de definição para perceber tal dificuldade. Cada definição tem um pouco da visão de mundo de quem a formulou.

Então, para Skinner *o sentido na leitura está na soma linear das palavras de uma sentença* (1957) e para Bloomfield a leitura é a *correlação da imagem sonora com a sua correspondente imagem visual* (1938). As definições são decorrentes de um processo de aquisição de conhecimento que se diferencia de uma pessoa para outra.

Seria muita pretensão do presente trabalho querer impor um conceito como algo certo e válido a todas as situações; mas importante que qualquer tentativa de superar os conceitos já existentes é identificar os principais elementos de conceitos que consideramos amplos e bem formulados para configurar no campo educacional.

Um desses conceitos é dado por BREVES FILHO (2004):

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam peculiaridades do leitor, isto é, suas características intelectuais, sua memória, sua história. É também social porque está sujeita às convenções lingüísticas, ao contexto sócio – político. (p. 69).

Como se pode observar, nesse conceito há uma preocupação com dois âmbitos que são tão diferentes e tão próximos. Na verdade não há como dissociá-los, visto que ninguém vive só para si e nem só para os outros. O que se constata é uma relação de construção e aprendizagem a partir do conhecimento da importância do contato social com o individual.

Enquanto não se despertar essa consciência em todos os leitores, em especial nos alunos que vêem a leitura como uma obrigação chata e enfadonha, continuará sendo expressa uma definição desastrosa da atividade de leitura, como se pode observar:

A atividade ainda é tortuosa de decifração de palavras. que é chamada de leitura em sala de aula, não tem nada a ver com a atividade prazerosa descrita por Belleng. (BACELAR, 2000. p. 81)

Continuar observando essa posição dos alunos para com a leitura é extremamente preocupante tanto para os professores que estão em sala de aula e que convivem diariamente com esse problema, como também para os doutores em educação que buscam solucionar esse problema de desinteresse pela leitura.

Para os doutores em educação perceber que o conceito de leitura para os alunos se restringe a uma atividade árida é o mesmo que descartar anos e anos de estudo, por que não dá para visualizar o resultado de seus estudos onde mais se necessita, que é a sala de aula.

Por outro lado, os professores se sentem impossibilitados de desenvolver uma aprendizagem de qualidade, que tenha a leitura como base fundamental.

Com base nesse contexto, verifica-se a importância de se fazer com que os alunos construam um novo conceito de leitura, desligado da idéia de tarefa chata e enfadonha.

Ler é uma atividade cultivada nas escolas desde cedo, isso é muito bom para os alunos que têm a oportunidade de obter a base de todos os conhecimentos a serem adquiridos ao longo dos anos de estudo.

O grande questionamento que se faz hoje em dia é se essa atividade está sendo cultivada de forma correta. Entende-se por forma correta aquela que auxilia os alunos a compreender não só textos ou decifrar letras, mas entender tudo que se faz, que se vê e que tem ao redor.

Certamente não se explora tal atividade como seria necessário para que os alunos tivessem um desempenho melhor nos estudos. É comum ver alunos que dizem saber ler

e escrever, mas não conseguem sequer dizer o que entendem no que leram e escreveram. Esse problema é muito grave, é como se eles estivessem com fome e mesmo tendo a faca e o queijo na mão, não conseguissem comer, por não saberem utilizar aquela ferramenta.

Então, na escola deve-se ensinar não só a codificar e decodificar letras é preciso ensinar a utilizar as diversas facetas da linguagem. É necessário mostrar que aquilo que se aprende, não se aprende em vão, tem uma finalidade dirigida, da qual o aluno deve tirar proveito.

A grande dificuldade dos professores é entender como isso pode ser feito. Eles vão perceber que é preciso primeiro desenvolver uma concepção de leitura nos alunos. Depois de formulada, é preciso verificar quais conceitos foram construídos na cabeça dos alunos, para assim ter-se a certeza de que eles saberão a importância do ato de ler.

Seguem-se alguns conceitos interessantes:

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas.
(CAGLIARI, 1995. p.148)

Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos. (CAGLIARI, 1995. p. 149)

...Ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico. (CAGLIARI, 1995. p. 149)

Como é possível observar cada conceito leva à reflexão sobre aspectos diferentes e a partir daí possibilita-se a obtenção de uma concepção mais clara e ampla, que permita uma visualização maior da importância da leitura.

Enquanto, os alunos continuarem achando que ler significa simples decodificar sinais gráficos, a educação continuará enfrentando problemas preocupantes para a sociedade.

E o professor tem sua parcela de participação que pode ser boa ou má, dependendo do empenho demonstrado em sala de aula. O professor consciente não só ensina os alunos

a decodificar, mas ensina também a refletir, pensar e desenvolver o pensamento através da leitura.

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem liga-se ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebe-se o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra nos tranqüiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embola o nosso sono. Uma superfície áspera nos desagrada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano que se integram a nossa pele nos agrada. É assim que se começa a dar sentido ao que nos cerca. Esses são também os primeiros passos para aprender a ler.

Trata-se de um aprendizado bem mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Lembro novamente de PAULO FREIRE: *ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizador pelo mundo.* (p. 8). Parodiando-o e também, ousando divergir neste caso se poderia dizer: ninguém ensina ninguém a ler, o aprendizado é, em última instância solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo.

Saber ler e escrever textos ainda hoje é algo a que não se tem acesso naturalmente, o analfabetismo ainda persiste, mesmo nos países considerados desenvolvidos, e entre os antigos o privilégio era de poucos. O aprendizado se baseava no método que deu progresso ao processo de alfabetização, apesar dos séculos de civilização, atualmente, as coisas não são diferentes.

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos, aprender a ler se resume a decoreba de signos lingüísticos, por mais que se “doure a pílula” com métodos sofisticados e supostamente desalienantes, prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê impossibilitando compreender de forma verdadeira a função da leitura e o seu papel na vida do indivíduo dentro da sociedade em geral.

Também é sabido que nenhuma metodologia de alfabetização avançada ou não leva por si só à existência de leitores efetivos, já que uma vez alfabetizados, a maioria das pessoas se limita a uma leitura com fim eminentemente pragmático, mesmo sob suspeita de que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia e de deixar de “ler pelos olhos de outrem”.

Daí o hábito de ler livros, em especial, ser mistificado; consideram-se os letrados, os únicos capazes, seja de criar e compreender a linguagem artística seja de ditar leis, estabelecer normas e valores sociais e culturais.

O que é considerado matéria de leitura na escola, esta longe de propiciar aprendizado, tão vivo e duradouro. Não é de admirar, pois a preferência pela leitura de coisas bem diferentes daquelas impostas em salas de aula, sem a cobrança inevitável das tão temidas, “fichas de leitura” ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

A dinâmica do processo é, pois de tal ordem que considerar a leitura apenas como resultado da interação texto – leitor seria reduzi-la consideravelmente, a ponto de se arriscar equívoco como pensar que um mesmo leitor lendo um mesmo texto, não importa quantas vezes, sempre realizaria uma mesma leitura. Não podem influir na nossa leitura. Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios o que bem ou mal fazemos mesmo sem ser ensinados.

1.2.As condições de produção da leitura

Tendo em foco a idéia das dificuldades enfrentadas pelos alunos e por diversos leitores ao longo da vida quando a atividade é leitura, ou exige leitura é que nos sentimos a vontade para afirmar que existem condições favoráveis e desfavoráveis para produção da leitura.

Fala-se de condições favoráveis quando se tem um conhecimento prévio do texto e também quando se sabe que aquela leitura vai satisfazer um propósito almejado. Outro

elemento necessário para uma boa leitura é que a modalidade de ler escolhida seja compatível com o tipo de texto que nos é apresentado, por que assim facilita – se a compreensão geral do texto e conseqüentemente satisfaz um propósito do leitor .
Análise: Uma das condições necessária para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor. (BACELAR, 2000. p.49).

Considerando-se desfavoráveis as condições em que o leitor se depara com um texto que nada tem a ver com sua realidade, nem com sua história, entende-se que se impede assim qualquer relação ou identificação do leitor com o texto. Essa situação além a de ser a mais problemática é também a mais comum. Dessa forma, não há como o aluno ou qualquer outro leitor demonstrar interesse e satisfação com algo que não consegue compreender por está distante de sua realidade de mundo.

Geralmente, verifica-se nos livros didático texto com os quais os alunos não se identificam. Esse fato associado com uma história de construção de leitura que tem por preocupação principal a decodificação, só vem piorar a situação. Para sentir interesse pela leitura o aluno precisa vencer inúmeros obstáculos, sendo a forma de aprendizagem da leitura a principal delas.

De modo geral, é significativo para o leitor aquilo que se relaciona à sua vida, que desperta a curiosidade, que o ajuda a compreender o mundo ou a criar mundos imaginários, que responde a seus problemas, que lhe permite melhor relacionar – se com os outros. (BACELAR, 2000. p. 49 e 50).

A verdade é que esse tema tem suscitado muitas discussões, visto que todos aqueles envolvidos com educação ou que tenha esta como preocupação sabem que os problemas relacionados à leitura surgem tanto dentro como fora da escola.

Sendo dessa forma, acredita-se ser necessário um maior empenho tanto nos momentos iniciais de aquisição da leitura e da escrita como ao longo dos anos escolares. É um processo que exige um cuidado especial por parte dos professores que devem primeiro ter cuidado com a decodificação e segundo permitir que o aluno construa seu processo de aquisição de leitura e escrita da forma mais autônoma possível.

Porém, há autores que vão além e entendem que o aluno passa por etapas na aprendizagem da leitura, assim como passa pelas etapas e fases da vida do nascer ao envelhecer. Sendo que o processo de leitura precisa ser ativado socialmente, seja pelos métodos pedagógicos na escola, seja pelos pais em casa. O importante é entender que:

... pode-se deduzir que a aprendizagem da leitura não termina quando o aluno já decodifica os sinais/signos da língua – é nesse momento que se inicia uma nova etapa no desenvolvimento do processo de leitura, que deverá prolongar-se, de forma teórica e sistemática, por todos os anos de escolaridade e, de forma cada vez mais prazerosa, por toda a vida desse aluno. (DIAS, 2001. p. 47)

Nesse sentido, compreende-se que não há atitude mais consciente de um professor que buscar estratégias de leituras, pois assim ele estará contribuindo para que o processo de leitura deixe de ser uma obrigação e passe a ser uma atividade prazerosa como tantas outras. E essas estratégias consistem em selecionar leituras condizentes com a vida do aluno, com sua faixa etária, com sua região e assim por diante.

A leitura, assim como outras atividades, exige condições para a sua produção. Nesse momento o que nos interessa é a condição cultural, que revela uma estreita relação entre leitura e cultura.

Através das diversas culturas enraizadas em nossa sociedade podemos realizar diversas leituras sobre o mundo, sobre religião, sobre uma infinita série de questões.

O que poucos sabem é que a questão cultural influencia muito o hábito da leitura e que a escola também tem sua cultura. E o aluno para não se sentir perdido precisa conhecê-la. Ir contra a cultura de uma escola pode ser perigoso se os professores não tiverem a capacidade de saber lidar com as situações.

Alunos de culturas diferentes, mesmo vivendo numa cidade e colocados numa mesma sala de alfabetização, reagem de maneiras diferentes aos textos que lhes são apresentados. (CAGLIARI, 1995. p. 173)

Essa problemática é verificada também na vida acadêmica, que oferece textos de autores com culturas diferentes da nossa. Tornando-se indispensável ter sensibilidade para saber excluir aquilo que não servirá, arriscando comprometimento da carreira. Observe:

A dificuldade em distinguir as qualidades das fontes de informação leva não raro, sobretudo os alunos universitários, a um ecletismo estranho, a contradição apoiada por citações bem documentadas. (CAGLIARI, 1995. p.175).

É certo que aqui não é o momento certo para discutir a questão universitária, mas serve para enfatizar o problema de cultura presente na educação. Se na Universidade não se pode utilizar uma bibliografia sem consultar o histórico do autor e da obra, na escola também não se pode impor uma metodologia sem antes analisar a história dos alunos, que podem vir de culturas diferentes.

Não é difícil encontrar uma sala, onde os alunos possam ter elementos culturais diferentes, ora, como todos sabem o Brasil possui uma diversidade cultural inquestionável.

Então, analisar os aspectos culturais no qual se inserem a sala de aula, o ensino e o aluno é de grande importância para a leitura, pois através da análise dos elementos culturais é possível estudar as condições necessárias a realização da leitura.

1.3. Metodologia e materiais de leitura.

A metodologia utilizada pela maioria dos professores para desenvolver a atividade de leitura é bastante criticada pelos especialistas, em especial a leitura silenciosa pelo aluno e a leitura pelo professor em voz alta, por que acaba reproduzindo um monólogo.

O roteiro utilizado é quase unânime entre os professores e valorizam quase sempre os mesmos elementos, tais como:

- 1) *Motivação do aluno, através de uma conversa sobre o assunto geral do texto;*
- 2) *Leitura silenciosa, sublinhando as palavras desconhecidas;*
- 3) *Leitura em voz alta, por alguns alunos, ou portados os alunos, em grupo;*
- 4) *Leitura em voz alta pelo professor;*
- 5) *Elaboração de perguntas sobre o texto...*
- 6) *Reprodução do texto...*(BACELAR, 2000. p. 92)

Como se pode observar, a maioria dos elementos contribuem para fundamentar a crítica em relação a metodologia abordada. E sem falar que os materiais utilizados muitas vezes se reduzem ao livro didático e aos textos que eles trazem.

A descontextualização dos temas abordados nos livros didáticos é o reflexo da falta de consciência que existem nas escolas em relação à atividade de leitura. O fato é que não se pode esquecer que a leitura é a base da compreensão de qualquer conteúdo e que é ela que nos auxiliará por toda vida quando realizarmos qualquer tarefa. Pois até a leitura de uma simples receita de bolos pode comprometer uma tarefa tão comum do dia-dia, imagine os estragos que podem advir de um documento assinado sem ler.

É por essa e outras situações que se considera a atividade de leitura merecedora da atenção especial dos professores, pois eles exercem uma atuação maior, devendo trazer à sala de aula inovações metodológicas e materiais que sejam atrativos à leitura, tais como revistas, jornais, folhetos, etc.

Nos estudos dos métodos que melhor possibilitem uma boa leitura, encontram-se algumas situações comuns do nosso cotidiano e que talvez não deva ser entendido como empreendedores de uma boa leitura. Como é o caso da leitura em voz alta, observe:

Se uma criança foi introduzida ao processo de leitura (em voz alta) através de uma técnica que a obrigue a processar a leitura por pequenas partes, acompanhando letras na escrita, fazendo com que cada pedaço seja processado e falado como um bloco, o resultado será uma leitura aos trancos e barrancos... (CAGLIARI, 1995. p.164).

A criança acaba não encontrando sentido na leitura, ao contrário do que ocorreria se fosse uma leitura com a fluência normal de quem fala espontaneamente.

É certo que é imprescindível o momento de decifrar foneticamente a escrita e o momento da produção oral da fala lida. Mas, não precisa ocorrer como se fossem etapas mecânicas de um processo como outro qualquer. É preciso que seja o resultado natural de quem entende algo espontaneamente.

Outra forma de trabalhar a leitura é fazer com que ela ocorra com calma, sem tempo marcado, sem exigência, por que geralmente:

A escola exige que o aluno leia num tempo muito curto, dificultando seu aprendizado e por vezes causando traumas profundos, sobre tudo quando o aluno, além das dificuldades fonéticas de produção da fala lida, tem que usar uma pronúncia distante de sua fala, como se estivesse sendo num língua estrangeira. (CAGLIARI, 1995. p. 165).

É interessante que em sala de aula as metodologias voltadas à atividade de leitura não sejam marcadas pela exigência inquestionável, pelo tempo curto, ou seja, fuga daquelas formas tradicionalmente conhecidas que acabem atrapalhando a aprendizagem dos alunos.

A leitura dentro das escolas tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possam constituir também objetivo de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve corresponder ao seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata, já que ler não é uma tarefa fácil. Estudos mostram que dentro da escola não se fazem a exploração dos diferentes tipos de texto que usamos no dia-a-dia como deveria ser feito.

Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade sem descaracterizá-las. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quês”, resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou estudar o próprio texto e com as diferentes

formas de leitura em função dos diferentes objetivos e gêneros: ler buscando as informações relevantes, ou significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de um problema.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola, principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores eficientes e práticas de leituras eficazes.

Essa pode ser a única oportunidade desses alunos interagirem com textos significativos cuja finalidade não seja apenas a resolução de problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes textos do mundo. Não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas o livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades de compreender o que tentam ler.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas de decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos, inúmeras oportunidades de aprenderem a ler através de procedimentos utilizados por bons leitores.

É preciso que utilizem textos do conhecimento prévio dos alunos, fazendo interferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições, tanto em relação à escrita quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que “é preciso aprender a ler lendo”, de adquirir o conhecimento da

correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o conhecimento, e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma ampla prática de leitura. Para se aprender a ler, é necessário que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler com os textos de verdade, portanto, os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler, não são bons para aprender a ler; tem servido apenas para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura.

De certa forma, é preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidade temporária para ler autonomamente é que reside a possibilidade de, com a ajuda dos já leitores aprender a ler pela prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o aluno ponha em jogo tudo que sabe para descobrir o que não sabe, portanto, uma situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do aluno, uma atividade reflexiva que, por sua vez favoreça a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos.

Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que devera colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informação entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço de troca e colaboração, e conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes numerosas nas quais não é possível atender a todos os alunos da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da leitura.

Diversos papéis são viáveis para o professor nesse contexto, mas evidentemente, desempenhar o papel de escriba ou de leitor significa mais, já que ao desempenhar o papel de escriba, o professor ajuda aos alunos a se diferenciar, ou melhor, a ajustar, combinar o oral e o escrito e quando o professor é um professor leitor, lendo o texto em voz alta, ele leva a criança a participar com audiência, pois ouvir textos, não é algo passivo.

A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê, só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a

perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenhos sobre o que mais gostou e raramente se ler em voz alta. Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre leitura de vez em quando desenhar o que o texto sugere, ou lê em voz alta quando necessário. No entanto, uma prática constante de leitura não significa repetição dessas atividades escolares.

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dentro do texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, mas do conhecimento que traz para o texto. É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos, às vezes é porque o autor “jogou com as palavras” para provocar múltiplas interpretações; às vezes é porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento sobre o assunto tratado no texto, e a despeito do seu esforço, compreende mal.

Há textos nos quais as diferentes interpretações fazem sentido e são mesmo necessários: é o caso dos bons textos literários. Há outros que não: textos instrucionais, enunciados de atividades e problemas matemáticos, por exemplo, só cumpre suas finalidades se houver compreensão do que deve ser feito.

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência ao leitor. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte nos alunos o cultivo e o desejo de ler, não é uma prática pedagógica eficiente.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na realidade, o uso que se faz dos livros e dos demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo ajuda e incentivo de leitores experientes. (PCNs, volume de L. Portuguesa, p.56.)

Ao utilizar os conhecimentos adquiridos com os diversos tipos de textos, o professor estimula no aluno a curiosidade e a vontade de ir fundo aos detalhes, para aprender e compreender o que está lendo e relacioná-lo com a sua realidade.

Mesmo nas escolas mais democráticas, onde se dá o direito de escolher entre dois ou três títulos, quais os referenciais reais para essa prévia seleção? Por que não ampliar os horizontes, indo as livrarias ou bibliotecas e deixando cada aluno manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que naquele determinado momento, lhe desperte a curiosidade e interesse, à vontade e inquietação? Claro que para isso, e a questão que permanece é esta: ele está disposto a fazer isso?

Na verdade, o professor trabalha com leque muito estreito de alternativas. Conhece pouco de literatura infantil, em geral aqueles livros que as editoras enviam para sua casa/escola ou àqueles cujos autores estão mais dispostos a divulgar seu trabalho. O critério reinante, não é o da qualidade dos livros, mas o da pronta entrega.

Por que não adotar e propor a leitura de um total de livros por mês ou por trimestre de acordo com a escolha dos alunos, em função de seus parâmetros, vontades, buscas e aflições desse período?

Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar se perguntar questionar entre outros. Pode se sentir inquietado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que pode até mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sendo presente, o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

O papel da escola (e principalmente do professor) é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à da sua sala de aula, para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma, a aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas e a constituição de atitudes de cuidados e conservação do material disponível para consulta. Além disso a organização dos livros, do espaço físico, iluminação, estantes, agrupamento dos livros nos espaços físicos disponíveis, mobiliário, deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso, deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço e dessa forma, o gosto pela leitura.

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição do hábito da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas e, ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

É possível assistir com certa regularidade à reedição do eterno debate sobre os métodos através dos quais se ensinam as crianças a ler, a discussão em torno da idade em que devem ser iniciadas a instrução formal e leitura eficaz.

O problema da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é leitura, de forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, das propostas metodológicas que se adotam; considerá-las de forma exclusiva, equivaleria a começar a construção de uma casa pelo telhado.

A leitura aparece como objeto da Educação Fundamental. Espera-se que ao final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e a utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área, estabelecer inferências, conjunturas; reler o texto, perguntar ao professor ou a outra pessoa mais capacitada, fundamentalmente; também se espera que tenha preferências na leitura e que possam exprimir opiniões próprias sobre o que leem. Um objetivo importante nesse período de escolaridade, é que as crianças aprendam progressivamente a utilizar a leitura com fins de informação e aprendizagem.

Atualmente, na escola e ao longo da etapa fundamental, dedicam-se várias horas por semana à linguagem, em que se situa uma parte importante no trabalho da leitura (em geral, costuma-se prever um horário de bibliotecas nas escolas, tanto na sala de aula como nos aposentos destinados a este objetivo).

Os professores alfabetizadores, têm o dever moral de não perpetuar a exclusão das crianças que chegam à escola pública. É talvez, a última possibilidade de elas conseguirem se sentir capazes e incluídas em uma sociedade que, impiedosamente, exclui os pobres e analfabetos como se lês fossem seres de segunda categoria.

Fatores externos interferem, e muito, no processo de alfabetização, mas os especialistas são os professores, que assim devem encontrar soluções. Transferir a responsabilidade para a família, que está desestruturada, vive de baixos salários etc, não vai ajudar as crianças.

Se o professor quer ensinar ao aluno a gostar de ler, deve começar transformando a leitura numa atividade livre. Tudo o que se faz por obrigação tende a ficar chato. O professor deve sugerir que os alunos falem sobre o livro que leram ou que escreveram a respeito dele, mas essas atividades devem ser opcionais.

Certa vez perguntaram ao lingüístico francês Roland Barthes o que ele achava de se propor à obrigatoriedade de certos textos na sala de aula. Prontamente o pensador respondeu: “Seria o mesmo que baixar um decreto obrigando todo cidadão a ser feliz”.

Claro que um leitor e escritor de primeira linha como Barthes, não estava querendo dizer que um bom leitor é alguém que acertou na loteria. Muito menos que o ato de ler é um dom divino, que em meio a tantas formas de comunicação pelas quais somos bombardeados hoje em dia, fica complicado entender a importância de um livro, um meio que alguém escreveu a fim de ser lido por outro alguém.

Rumelhart, 1997; Adams e Collin, 1975; Alonso e Mateos, 1985; Sole, 1987; Colorer e Campes, 1991 – afirmam que:

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor suas expectativas e

conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificar a apontar ao texto nossos objetivos, ideais e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e influência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, em um processo que permita encontrar evidências antes mencionadas. (Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, volume 13. p. 50e 51).

Ao falar sobre leitura, torna-se inevitável mencionar sua relação com a escrita, pois como foi especificado acima pelos renomados autores, o processo de leitura facilita a linguagem escrita. Prestar atenção nos sons das letras de uma palavra quando se lê faz parte do processo de aquisição da escrita, mesmo quando os sons não representam exatamente a letra que compõe a palavra.

Dentro dessa perspectiva, é que sobressai a importância da decodificação e do domínio das letras, pois sem isso não é possível fazer com que os nossos alunos avancem, porém não basta apenas aprender a decodificar as letras, esses são apenas os primeiros passos para quem desejar percorrer o longo caminho do processo de aquisição da leitura e da escrita.

A verdade é que se fala tanto de forma negativa da codificação e decodificação que um leigo pode entender que esses processos não são necessários e não é isso que se deseja passar. O processo de decodificação das letras é imprescindível para a atividade de leitura, o que se defende nesse estudo é que não se deve achar que a atividade de leitura se restringe a isso, mas vai muito além disso, a codificação e a decodificação fazem parte do início do processo de aquisição da leitura e da escrita. É o primeiro degrau, onde não se pode parar e nem se pode deixar de passar.

CAPÍTULO II

2. Análise de dados coletados

Os dados a seguir e sua respectiva análise fazem parte da pesquisa que complementar a construção da monografia que tem por tema “Leitura um processo de construção do sujeito”. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome, com oito professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, que tiveram que responder a um roteiro de questões sobre leitura, em que o instrumento escolhido para coleta de dados foi o questionário, no período de agosto a setembro do ano de dois mil e seis. O roteiro do questionário se encontra em anexo.

2.1. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa tem por base um estudo de caso, que é o procedimento ideal quando existe apenas um objeto de pesquisa, em que há uma grande quantidade de informações sobre o caso. Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos (ROESE, In: Matos, 2001).

É interessante ressaltar que o estudo de caso, trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida, faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores.

Por outro lado, o estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (GIL, In: Matos, 2001).

2.2. Análise dos dados dos questionários dos professores

O questionário aplicado aos professores, continha perguntas, pelas quais tentou-se obter as informações desejadas. De acordo com a primeira questão foi possível identificar a idéia que os professores do Ensino Fundamental tem a respeito da leitura. Quase todas as respostas seguiram um mesmo raciocínio que ligava a leitura a aquisição de conhecimentos, e a reconhecia como atividade indispensável à vida das pessoas, observe o que diz MARTINS: *Assim como a aprendizagem em geral e da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns riscos.* (1994, p. 20).

O professor "H" foi além e considerou a leitura importante também para uma boa escrita, é o que ocorre comumente; as pessoas associam muito a leitura à escrita, dando muitas vezes mais ênfase a escrita, à identificação das letras, ou seja, dos códigos, facilitando assim, que qualquer tentativa de leitura posterior seja a mera decodificação dos sinais gráficos já trabalhados: *...o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificados da letra.* (MARTINS, 1994, p.7).

Muito se tem discutido sobre as conseqüências da mera decodificação das letras, fora e dentro do ambiente das salas de aulas, por que nelas há profissionais preparados para fazer com que as pessoas que aí se encontram possam desenvolver seu raciocínio e sua criatividade, atividades que a mera decodificação não possibilita.

A atividade de leitura vai além da simples decodificação, pois os sujeitos nela envolvidos adentram no mundo diferente, em situações que estimulam sua criatividade, sua imaginação, sua produção intelectual, além de uma visão ampliada do mundo e dos diversos temas abordados. Paulo Freire ao se referir ao processo de leitura, sempre dizia que esse processo:

...envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na

inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.(1983, p. 11-24)

A segunda questão foi bastante sugestiva, por que colocou os professores frente a frente com um problema da realidade educacional que remete as dificuldades encontradas pelos alunos que não sabem ler, além de cobrar um posicionamento deles a esse respeito, procurou-se saber a metodologia utilizada por eles, por que o que se observa é que:

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume a decoreba de signos lingüístico, por mais que se doure a pilula com métodos sofisticados e supostamente desalienante.(MARTINS, 1994, p.23)

As respostas obtidas foram as mais variadas possíveis, e apesar de todas demonstrarem a boa vontade de ajudar, não tinham uma resposta convincente para trabalhar o problema. O professor "F" restringiu-se a dizer que a solução seria a leitura e produção de texto, mas não especificou a metodologia a ser utilizada, demonstrando assim despreparo para trabalhar o problema.

Outras respostas também foram muito confusas, ora não correspondiam com o questionamento feito, ora não expressavam a metodologia a ser utilizada. Porém, duas respostas chamaram a atenção: a resposta do professor "C" e do professor "E". O primeiro citou a necessidade de averiguar o problema da dislexia em alguns alunos e tentar buscar uma forma de ajuda-los; e o segundo frisou que era importante que o professor demonstrasse seu próprio interesse pela leitura para servir de espelho para os alunos.

Sobre as considerações do professor "C" que falou sobre o problema da dislexia, é preciso entender que é um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Muitas vezes os professores não têm sensibilidade para perceber esse problema em seus alunos e acabam ignorando a situação particular de cada um e a generalização é muito

prejudicial, pois ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição sócio-econômica ou baixa inteligência. Para a maioria dos autores, ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico e são esses múltiplos fatores devem ser verificados.

Em relação ao exemplo que o professor deve dar em sala de aula, o professor “E” tem razão, por que se o próprio professor não valorizar a leitura, não conseguirá fazer com que os seus alunos a valorizem, além disso se o professor conseguir impressionar seus alunos com leituras empolgantes e criativas, a imagem da leitura como algo bom ficará guardado na cabeça do aluno pra sempre. E a recíproca é verdadeira, o aluno também pode cultivar uma imagem negativa de leitura que levará pelo resto da vida. Observe: *A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente.* (MARTINS, 1994, p.19)

Mas, só o exemplo não é suficiente, os professores devem buscar desenvolver atividades de leitura que renove as tradicionais tarefas de leitura (leitura em voz alta, leitura silenciosa, etc) de forma que possibilitem aos alunos o domínio sobre o significado das palavras, a interpretação das idéias imbuídas nos textos, a relação entre o seu mundo pessoal e o mundo exterior, enfim o domínio sobre o mundo das letras e dos significados.

Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leituras (MARTINS, 1994, p.17).

A terceira questão tinha uma preocupação bastante interessante, saber se os professores conviviam na sua realidade do dia-dia com o problema de ter alunos que enfrentam dificuldades por não saber ler. E todos responderam afirmativamente, indicando que o problema faz parte da realidade da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome.

O professor "B" nos apresentou dificuldades alarmantes, tais como alunos que tem medo de ler, ou que desconhecem as letras e muita falta de atenção. É preciso tomar muito cuidado com isso, por que muitas vezes pode ser constatado realmente algum problema relacionado à Dislexia, como por exemplo a chamada DA (Deficiência de Atenção) que é a dificuldade de se concentrar e de se manter concentrada a atenção em objetivo central, para discriminar, compreender e assimilar o foco central de um estímulo.

Esse estado de concentração é fundamental para que, através do discernimento e da elaboração do ensino, possa completar-se a fixação do aprendizado. Outras vezes, pode ser uma deficiência do próprio processo de ensino utilizado pelo professor, sendo necessário uma revisão e modificação de métodos e posturas.

Então, a escola precisa estar atenta aos fatores que estão causando tal problema, pois a constatação de um ou dois alunos com problemas de atenção pode até ser normal, mas a maioria da sala é inadmissível, deixando claro que o problema não está nos alunos.

O professor "D" citou algo muito polêmico também como o desinteresse e a preguiça de ler, polêmico por que se questiona muito hoje em dia de quem é a culpa do desinteresse e da preguiça dos alunos, se é resultado das metodologias utilizadas, das condições sociais e econômicas vivenciadas pelos alunos, ou se é da escola, da família, dos professores que não buscam inovar sua metodologia a fim de incentivar os alunos ou se é culpa dos próprios alunos. Como salienta MARTINS: *A questão é mais complexa: vem da precariedade de condições sócio-econômicas e se espalha na ineficiência da instituição escolar, determinando e limitando opções.* (1994, p. 27)

A quarta questão nos apresenta a realidade estrutural da escola dos professores em análise, foi interessante observar que apesar da escola ser a mesma, as respostas foram diferentes, não sei se por desconhecimento da própria escola ou por desejarem encobrir a realidade da mesma. Por exemplo, quatro professores disseram que na escola tem biblioteca e quatro disseram que não tem. Mas, todos afirmaram que na escola não tem sala de leitura. As respostas foram unânimes na afirmação de que na escola tem cantinho de leitura. Os professores "A" e "G" desconhecem a promoção da semana de leitura, mas os demais se posicionaram pela existência de tal semana.

Na seqüência do questionário, perguntou-se sobre as atividades realizadas pela escola para a mudança do quadro de precariedade a respeito da leitura. Os professores "A", "D", "G" e "H" disseram que a escola conta com vários projetos desenvolvidos por alunos do Curso de Pedagogia, para em conjunto encontrar meios de sanar o problema.

Os professores "B" e "C" disseram que a escola trabalha em conjunto com outras escolas a cada ano desenvolvendo atividades de leitura e produção de textos. O professor "E" falou na promoção de festivais de leitura e o "F" especificou apenas atividades em sala de aula.

A parceria tanto com outras escolas, como também com alunos dos cursos de Pedagogia pode ser muito produtiva para a escola, pois terão a oportunidade de estar ao mesmo tempo em contato com a realidade de outras escolas e também com as teorias trabalhadas nas universidades, formuladas por grandes profissionais da educação. E os professores devem reconhecer a importância desse contato e facilitar o desenvolvimento de projetos nesse sentido.

Se o papel do educador pareceu aqui em evidencia, ele foi trazido à baila para ser colocado em seu devido lugar e compreendido não necessariamente como o de especialista em educação ou do professor, mas como o de um individuo letrado que sabe algo e se propõe a ensina-lo a alguém , isto é, um mediador de leituras.(MARTINS, 1994, p.35)

Por último, evidenciou-se um questionamento indispensável sobre as perspectivas sugeridas por eles para aquisição do hábito de leitura pelos alunos. Os professores "A", "B", "C" e "H" foram bastante enérgicos em afirmar a importância da leitura no ambiente familiar, ou seja, segundo eles há uma necessidade enorme de contribuição dos pais na tarefa de estimular o aluno a adquirir o hábito de ler, sem deixa de lado é claro o papel dos professores na escola, que foi também muito citado.

Já, o professor "D" chamou a atenção para o fato de estimular o interesse pela leitura desde o maternal, colocando os alunos em contato com livros e lhes contando historinhas que estimulem sua criatividade e interesse. Os professores "E" e "F" ressaltaram a importância das histórias em quadrinhos, que ao mesmo tempo diverte e

convida os alunos a adquirirem o hábito de ler. O professor “G” afirmou ser necessário a inclusão de textos em todas as atividades.

Dessa forma, entende-se que mesmo com todas as dificuldades evidenciadas, os professores têm consciência tanto da importância da atividade de leitura como de seu papel nesse processo. Porém, o que realmente os professores precisam saber é que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo suas dívidas e exigências que a realidade lhe apresenta.(MARTINS, 1994, p.34)

Talvez nenhuma outra afirmação consiga exprimir com tanta clareza o papel do professor na aquisição do hábito de leitura pelos seus alunos, por que não consigo visualizar um educador ensinando o aluno a imaginar, a produzir e reproduzir sua realidade, por serem ações que o ser humano realiza na sua individualidade, ao professor cabe criar as situações que propiciem o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e subjetivas. E é a tarefa de criar essas situações a mais complexa e importante para a vida profissional dos educadores.

Por fim, vale acrescentar que a pesquisa em si, foi extremamente rica em detalhes práticos, possibilitando uma visão da realidade da escola e também dos problemas diários enfrentados pelos professores, por que como foi possível observar não bastando a dificuldade dos professores em desenvolver atividade que propiciem o hábito de ler nos alunos, ainda tem que enfrentar, problemas relacionados à família dos educandos, a falta de estrutura e de apoio da escola e da sociedade. Se alguns em suas curtas respostas deixaram transparecer a situação desestimulante que afetam seu profissionalismo, outros demonstraram que mesmo assim estão dispostos a buscar sempre os melhores meios de levar os seus alunos a desvendar o maravilhoso mundo da leitura.

2.3. Análise dos questionários dos alunos

Os questionários foram elaborados com o objetivo de mostrar a visão que os alunos tem a respeito da leitura. As questões foram elaboradas de forma bastante simples para possibilitar o entendimento dos alunos e assim obter as informações necessárias para o nosso estudo.

Por se tratar de alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, as questões estavam de acordo com que elas já tiveram contato. Para isso foi realizado um estudo prévio sobre como se poderia ser trabalhar as questões. Para primeira série inicialmente, tratou-se de observar as atitudes dos alunos diante da leitura e também o grau de interesse sobre a aquisição desse processo. Para as demais séries, o processo foi análogo, só que na 3ª e 4ª séries, os questionários foram aplicados com a consciência de que os alunos sabiam o que representavam as questões, não teve qualquer influencia dos professores.

Os professores que contribuíram para o nosso estudo, foram indispensáveis também na obtenção da visão dos alunos, pois disponibilizaram as aulas necessárias para a aplicação dos questionários. Foram programadas várias visitas e em todas não tivemos nenhum empecilho.

Mesmo levando em consideração a quantidade superior das mulheres nas classes, ficou evidente também o maior interesse delas com relação às atividades de leitura e escrita. E o número de alunos que nunca ganhou um livro de presente foi impressionante. Além disso, nas séries em que foram aplicados os referidos questionários deixou-se transparecer que quase nunca visitavam alguma biblioteca.

2.4. Análise da regência

Os professores foram bastante receptivos ao estágio e ao que programamos para trabalhar nas salas de aula. Todos os professores, assim como os próprios gestores, têm a idéia de que o estágio é algo obrigatório e que deve ser vivenciado durante o curso de

graduação, por ser a forma mais completa que existe de abordar as diferentes dimensões da atuação de um profissional da educação.

Foi muito interessante o contato com os professores, talvez seja por isso que a principal concepção do estágio é ter um tempo de aprendizagem, com a permanência no lugar onde se realiza o ofício do professor, aprendendo com isso a prática de estar em sala de aula.

A aplicação dos conteúdos foi um momento muito importante, pois assim foi possível ao mesmo tempo ensinar e aprender, tanto com os professores, como com os próprios alunos.

Enfim, através do estágio foi possível conhecer a estrutura e o funcionamento da escola por outro ângulo, visto já lecionarmos. A visão é totalmente diferente da que temos quando estagiários e não como professores. O estágio é responsável por estabelecer uma relação entre um profissional já atuante com um aluno estagiário no ambiente de trabalho daquele. E mesmo para aqueles que já têm experiência em sala de aula, o estágio é muito importante.

CONCLUSÃO

O processo de aquisição da leitura antecede e supera os limites escolares e o aluno é nesse processo de construção, o foco principal de toda aprendizagem, por isso o nosso estudo tem por tema "Leitura: um processo de construção do sujeito".

Foi possível vislumbrar através da análise da estória da leitura, que a escrita sempre teve uma colocação acima da leitura, por ser um sistema de representação da linguagem, mas ao longo de nosso estudo ficou claro que não basta apenas representar a linguagem através da escrita, é preciso atribuir-lhe sentidos, relevando assim a importância da leitura, por ser uma atividade de interpretação.

No entanto, a leitura é uma das habilidades lingüísticas mais difícil e complexa, pois compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão. A decodificação é a capacidade que temos como escritores ou leitores de identificar um signo gráfico por um nome ou por um som. Esta capacidade ou competência lingüística consiste no reconhecimento das letras ou signos gráficos e na tradução dos signos gráficos para a linguagem oral ou para outro sistema de signo. A compreensão é atribuição de dar sentido e significado a aquilo que se decodifica, sendo ambos os processos, imprescindíveis para a construção do saber.

É essa a conclusão que se pode tirar do referido estudo, que o aluno deve ser responsável pela construção do seu processo de aquisição da leitura. E que por mais que se apresentem problemas de aprendizagem, eles fazem parte dessa construção. E apesar do aluno ser o responsável, esse processo de construção não é algo individual, mas é construído juntamente com a orientação dos professores, o apoio dos pais e da sociedade.

Referências Bibliográficas

BACELAR, Lucidalva Pereira e CUNHA, Maria Josemilda Costa. **Metodologia do Ensino de Português**. 13ª edição. Fortaleza, 2001

BREVES FILHO, José. **Uma Leitura da Literatura Infantil na Escola**. Fortaleza: Breves Palavras, 2004

DIAS, Ana Iório. **Ensino da Linguagem no Currículo**. Fort. CE: Brasil Tropical, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 8ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19º edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (*Coleção Primeiros Passos*)

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental 3ª edição. Brasília: A secretaria, 2001

Revista Nova Escola. Ano XXI, nº 194. Agosto/2006 e Maio/2003

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a Ler e Escrever: Uma proposta Construtiva**. Porto Alegre. Artmed, 2003.

ANEXOS

1. Dados de identificação:

- 1.1 Título: Leitura: Um processo de construção do sujeito
- 1.2 Curso / Faculdade – Pedagogia – UFCG, Cajazeiras - PB
- 1.3 Responsáveis pelo Projeto – Francisca Maria de Abreu e Maria do Socorro de Sousa Mendes Dantas
- 1.4 Local de Realização: Escola Estadual de Educação Infantil Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome
- 1.5 Período de Realização: -----/-----/-----

2. justificativa

Somos conhecedoras que no primeiro ciclo, devemos propor situações em que se valorizem a leitura e a escrita. O ensino da língua materna deve visar ao desenvolvimento integral de linguagem da criança para levá-la a expressar-se e a comunicar-se com eficiência e eficácia tanto na escrita quanto na fala, nas mais variadas situações. É por meio da língua que o indivíduo se defende ou ataca opiniões ou pontos de vistas, dá e recebe informações, ampliando o conhecimento de si próprio e do mundo em que vive. Por isso trabalharemos com o ensino do Português, na perspectiva de *transmitir novas técnicas para explorar atividades de leituras, facilitando assim o trabalho dos mesmos.*

3. Objetivo Geral

Apresentar atividades que propiciem aos professores das séries iniciais vivenciarem e refletirem sobre o trabalho com a língua materna.

3.1. Objetivos Específicos.

- Estimular a leitura através da percepção visual.
- Criar material para o acervo de leitura da classe.
- Diferenciar a leitura de acordo com sua função.
- Trabalhar a criatividade e autonomia na leitura e na escrita.
- Entrar em contato com um portador de texto diferente: o gráfico.
- Trabalhar a expressão e a oralidade.
- Trabalhar com a estrutura do texto narrativo.

4. Conteúdo

- Linguagem oral;
- Leitura;
- Produção de texto;
- O ensino e a aprendizagem da língua no dia-a-dia.

5. Metodologia Desenvolvida

Em termos didáticos a execução deste projeto visa orientar os professores do primeiro ciclo da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cónego Manoel Jácome de São João do Rio de Peixe – PB, para:

Trabalhar leitura como:

- Exploração de textos.
- Pesquisas em dicionários de nomes.
- Portadores de textos ou Construtores de anúncios.
- Brincando com rimas.
- Mural poético e folclórico.

6. Plano 01

Leitura e exploração de texto

- Esta atividade auxilia:
 - a atenção à leitura;
 - a socialização;
 - a descontração do grupo.

6.1. Procedimentos:

- * Fazer com os alunos uma caça ao tesouro pela escola.
- * Escrever pistas e espalha-las por diversos lugares, para que os alunos encontrem algum objeto (o tesouro). As pistas devem conter textos que precisem ser lidos com muita atenção para serem compreendidos. Por exemplo: o nome da escola, o nome de um colega da sala, o nome de sua cidade, o tesouro é uma caixa de chocolate, o nome de todos os professores da escola, o nome das disciplinas etc.

Objetivo

Coletar informações sobre a leitura.

7. Plano 02

Conhecendo e trabalhando com dicionários

- Esta atividade auxilia:
 - o conhecimento do conceito de sinonímia;
 - a ampliação do vocabulário;
 - a contextualização das palavras.

7.1. Procedimentos:

- * Com o dicionário em mãos, pedir que procurem o significado das palavras do mesmo campo semântico de escola: colégio, academia, liceu, instituto, faculdade etc.
- * Com o resultado da pesquisa, pedir-lhes que elaborem frases que contextualizam essas palavras. Exemplo: Liceu Estabelecimento de Ensino Secundário e /ou Profissional.

Objetivo:

Ampliar vocabulário
Saber utilizar o vocabulário
Enriquecer o vocabulário

8. Plano 03

Portadores de textos ou Construtores de anúncios

- Estas atividades auxiliam:

- conhecimento do mundo;
- a percepção;
- a criatividade.

8.1. Procedimentos:

- * Trazer para a classe o caderno de imóveis de um jornal.
- * Fazer a leitura com os alunos, analisar com as mesmas as características dos anúncios – o tamanho, as abreviaturas, a quantidade de linhas etc.
- * Em seguida, pedir a cada aluno que faça um anúncio para vender imóvel. Depois pedir que os alunos coleem os anúncios no caderno que ficará exposto desta forma.

Objetivo

Assumir funções e responsabilidades

10. Plano 05

Trabalhando com Lendas e Tradições.

- Esta atividade auxilia:

- a reflexão sobre a linguagem;
- o conhecimento de mundo;
- o desenvolvimento das linguagens oral e escrita.

10.1 Procedimentos

* Confeccionar um mural ou escrever no quadro giz alguns ditos populares, e analisá-los com os alunos. Exemplos

“Quem casa quer casa”

“Casa de ferreiro, espeto de pau”

“Santo de casa não faz milagres”.

* Em seguida pedir aos alunos que citem outros ditos populares ou pesquisem. Depois propor-lhes que produzam histórias a partir dos ditos populares.

Objetivo

Promover situações de aprendizagem sobre a cultura popular.

11. Recursos

11.1 Humanas

Francisca Maria de Abreu

Maria do Socorro de Sousa Mendes Dantas

11.2 Recursos didáticos

- Textos digitados e xerocados, tesouras;
- Canetas esferográficas / lápis de cor;
- Jornais, caixa, cartolinas, papel madeira;
- Revistas, livros didáticos e dinâmicos.

Referências

RAMOS, Rossana. 200 dias de leituras e escritas na escola. São Paulo: Cortez, 2005.

GIANINI, Eloísa Bombonati. Leitura Interação e Produção; trabalhando com Projetos; Ensino fundamental; São Paulo; Editora do Brasil, 2001.

*Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental
Cônego Manoel Jácome
São João do Rio do Peixe – PB – Data —/—/2007*

Questionário

➤ *Formação acadêmica*

➤ *Tempo que leciona nas séries iniciais*

1. *Qual a importância da leitura para você?*

2. *Como você reage diante das dificuldades encontradas pelos alunos que não sabem ler? Que metodologia você usa?*

3. *Na sua sala de aula você enfrenta este tipo de dificuldade? Cite – as.*

4. *Sua escola dispõe de*

biblioteca

sala de leitura

cantinho da leitura

promove semana de leitura

outros

5. *Quais as atividades que a escola realiza para mudar este quadro de precariedade a respeito da leitura?*

6. *Quais as perspectivas que você sugere para que os alunos adquiram o hábito da leitura.*

Inventário de interesses. Os inventários de interesses consistem em um número de afirmações que os alunos fazem por escrito ou oralmente durante as entrevistas. Outras vezes, como no exemplo apresentado a seguir, são feitas afirmações incompletas que os alunos devem completar oralmente ou por escrito.

Inventário de interesses	
<ul style="list-style-type: none"> - Adoro ler... - Gosto de escrever sobre... - Um dia vou escrever... - Fico muito entretido quando... - Meu programa favorito na TV é... - Quando estou lendo, eu... - Gosto de usar meu tempo livre em... - Tenho dificuldade de entender uma leitura quando... - Acho que as historinhas são... - Eu leria mais se... - Quando leio em voz alta, eu... - Para mim, os livros de estudo são... - Quando leio em silêncio, eu... - Se tivesse de recomendar um livro, eu escolheria... - Acho os jornais... - Se tivesse de viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros... 	

Pauta de observação de atitudes diante da leitura

	SIM	NÃO
- Pareceu contente durante as atividades de leitura?		
- Pediu para ler em voz alta espontaneamente nas aulas?		
- Leu algum livro durante seu tempo livre?		
- Mencionou ter lido algum livro em casa?		
- Escolheu a leitura em vez de outras atividades (baralho, pintar, conversar, etc.)?		
- Pediu permissão para ir à biblioteca?		
- Pediu livros emprestados na biblioteca?		
- Leu a maioria dos livros até o final?		
- Mencionou livros que tem em casa?		

ONTE: Giasson e Thériault, 1983.